



# **I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL**

## **30 e 31 de agosto de 2018**

### **OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A UNIVERSIDADE: INTERFACES**

Amanda Gaion Pedro; Jovana Cestille; Melissa Campus; Teresa Mendes:  
[amandagaion@gmail.com](mailto:amandagaion@gmail.com); [jocestille@gmail.com](mailto:jocestille@gmail.com); [melissamel.campus@gmail.com](mailto:melissamel.campus@gmail.com);  
[malungoodara@hotmail.com](mailto:malungoodara@hotmail.com)

**Universidade Estadual de Londrina**  
**Movimento dos Trabalhadores Rurais**  
**Coletivo ElityTrans e Translúcida**  
**Terreiro Ylê Asé Ayra Kinibá**

A proposta deste debate foi proporcionar reflexões acerca das interlocuções entre os movimentos sociais da cidade de Londrina e a Universidade, tendo em vista que este lugar é produtor de conhecimento e tem como princípio a defesa por diferentes formas de vida. Essa intersecção com a universidade, principalmente com o curso de Psicologia que proporcionou a realização de tal encontro, faz com que os profissionais desta área, os docentes e os estudantes, reflitam suas práticas e ações acerca das reivindicações de direitos, que muitos grupos tratados de forma marginalizada e estigmatizada ao longo da história requerem cotidianamente.

Fizeram parte da mesa três mulheres militantes de movimentos sociais sendo elas, Jovana Cestille, participante do Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST), Melissa Campus, atuante pelos direitos das mulheres transexuais e travestis, participante do coletivo ElityTrans e Translúcida e, por fim, Teresa Mendes, agente ativa do movimento negro de Londrina-PR, participante do Terreiro Ylê Asé Ayra Kinibá e conselheira municipal pelos direitos da mulher e de cultura. Como mediadora da mesa a mestranda Amanda Gaion foi convidada, devido sua atuação no movimento feminista da cidade.

O debate percorreu caminhos elucidativos sobre os três movimentos sociais. De início Jovana trouxe o nascimento do MST, datado em 1984, bem como a participação ativa e importante do Paraná nesta construção. Afirmou o objetivo central do movimento que é lutar pela terra, na perspectiva da divisão igualitária da mesma, de se fazer uma reforma agrária que contemple a todos e todas que têm como desejo a vida no campo, além da luta política pelo modelo socialista. Abordou a atuação das mulheres neste movimento, destacando que no presente momento as



## **I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL** **30 e 31 de agosto de 2018**

mulheres têm papel fundamental no seio deste coletivo. Complementou mostrando a preocupação com o ensino e formação das crianças que fazem parte do MST, exemplificando ações desenvolvidas com elas em uma atividade chamada “Sem-Terrinha”. Na argumentação sobre essa questão, Jovana falou sobre o primeiro encontro que aconteceu em 1997 acerca da construção de uma perspectiva de educação no campo, que foi base para que, em 1999, fosse consolidada uma parceria com a UEL e a possibilidade de escolha de crianças, adolescentes e jovens de optar por uma educação para sua realidade, seja ela no campo ou na cidade. Por fim, ressaltou que o movimento dos trabalhadores rurais perpassa uma relação conceitual, política e ideológica com seus membros. Assume que o MST é uma classe trabalhadora e a questão de classe é pauta central também deste grupo.

Melissa Campus iniciou sua fala trazendo questões relacionadas à invisibilidade das pessoas transexuais e travestis. Afirmou que para ter palavra em vários espaços é preciso “derrubar portas”, uma luta árdua e constante. Para ter lugar de fala, que é algo não dado, não destinado as pessoas trans, é preciso, muitas vezes, ocupar esse espaço. Melissa apontou a necessidade da construção de uma nova linguagem, principalmente acadêmica, pois essa ainda patologiza mulheres e homens trans. Ressaltou a importância da ciência de forma geral, porém, com foco na Psicologia, tecendo críticas contundentes sobre como as pessoas trans são tratadas como objeto de pesquisa. Utilizou o termo “ratos de laboratório” para exemplificar a condição que mulheres e homens trans são colocados(as) em determinadas estruturas científicas, sem considerá-los(as) como sujeitos de corpos vivos e ativos num processo de existência. Assinalou as políticas públicas educacionais para pessoas trans, como a política de cotas e de como as Universidades têm de se apropriar desta pauta com urgência, pois, ainda hoje, o que resta em relação a trabalho para as mulheres trans, muitas vezes, é a prostituição.

Relatou algumas conquistas de direito sobre a saúde das pessoas trans, porém, segundo Melissa, isso é uma pequena conquista perto do que ainda falta conquistar a essa população. O que temos são subcidadanias criadas por governos que ainda não têm como pautas principais as pessoas LGBTI+. Melissa finalizou dizendo que é preciso conhecer os direitos já existentes e lutar por eles, além de



## **I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL** **30 e 31 de agosto de 2018**

estar na briga constante por direitos que viabilizem uma vida digna para todas as pessoas transexuais e travestis.

Teresa Mendes abriu sua fala presenteando o Programa de Pós-Graduação em Psicologia com livros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UEL, livros que também trazem a vida e o legado de Dona Vilma, mulher negra que sempre lutou pela vida e dignidade das pessoas negras, além de ter sido figura principal na política de cotas da Universidade Estadual de Londrina. Teresa falou sobre a primeira associação do movimento negro em Londrina, que chamava AROL – Sociedade Treze de Maio. Realizou alguns questionamentos importantes na luta contra o racismo, apresentando números sobre o genocídio da juventude negra, além de contextualizar a luta do movimento negro na Universidade para a ampliação das cotas raciais e de como nos últimos anos a perspectiva educacional se emancipou, dando oportunidade de estudo a muitos negros e negras que não conseguiam chegar à universidade, devido a toda uma conjuntura política e histórica. Teresa finalizou perguntando qual será a responsabilidade da Psicologia na luta contra o racismo e da importância de se estudar esse tema, principalmente, com estudos sobre a perpetuação do racismo.

Os movimentos sociais são de extremo valor para uma sociedade onde o racismo, a LGBTfobia e o machismo ainda revigoram e são base estrutural do sistema hegemônico em que vivemos. As mulheres atuantes nestes coletivos lutam diariamente pelo direito de ser e de existir. Elas protagonizam movimentos de resistência, cujo principal objetivo é a conquista de direitos, o direito a vida, a terra e a condições de sobrevivência dignas, sem violência e sem medo de subsistir.

As perguntas que ainda se faz e que precisamos sempre fazer, enquanto, profissionais, docentes e estudantes que têm como teoria e prática os campos da Psicologia são: Como a Psicologia pode contribuir no processo de existência desses grupos sem categorizar, moldar e/ou patologizar tais movimentos? Quais caminhos trilhar para continuar aproximando a Universidade dos Movimentos Sociais? Esta mesa-redonda serviu para fomentar um pouco mais esse debate. Cabe continuar o exercício de aproximação política e de compartilhamento de experiências no qual todos os agentes envolvidos podem tanto aprender quanto ensinar.